

A construção do modelo de masculinidade pela igreja católica em Teresina em meados do século XX

Luciana de Lima Pereira *

RESUMO: O início do século XX, em Teresina, é marcado por uma pequena participação masculina nos cultos católicos, em detrimento da frequência deles nos espaços públicos, vistos como profanos. A Arquidiocese de Teresina, pretendendo aumentar nos jovens da capital um sentimento religioso e amalgamar os fiéis aos princípios cristãos e morais, criou em 1949 a União dos Moços Católicos (U.M.C.). A U.M.C. se constituía num grupo formado por “moços” católicos que tinha como objetivo recuperar os jovens seduzidos pelas opções de lazer e de prazer ligados ao mundo moderno e “profano”, e formadores da “juventude transviada”. Nesta perspectiva, este trabalho pretende analisar as prescrições do modelo de masculinidade construída pela Igreja Católica em meados do século XX, lançando mão do referencial teórico em torno da temática gênero e religiosidade.

PALAVRAS-CHAVES: Igreja Católica, Gênero, Masculinidades

ABSTRACT: The beginning of the twentieth century, in Teresina, is marked by a small male participation in Catholic worship, to the detriment of their frequency in public spaces, seen as profane. The Archdiocese of Teresina, seeking to raise capital in young people a sense of religious and amalgamate the faithful to Christian principles and moral, created in 1949 the Union of Catholic Guys (UMC). The U.M.C. are a group of "guys" that Catholics had as objective to recover the young people lured by the options of leisure and pleasure related to the modern world and "profane", and trainers of youth pervert. " Accordingly, this paper aims to examine the requirements of the model of masculinity built by the Catholic Church in the mid-twentieth century, making use of the theoretical framework around the theme gender and religiosity.

KEY WORDS: Catholic Church, Gender, Masculinities

As discussões de relações de gênero emergiram como estudos, a partir da década de 1960, referentes à problematização da condição feminina na contemporaneidade. Desta forma, as análises se centralizavam no modo como as culturas significavam, através de discursos e práticas, o “ser feminino” e, assim, tratavam o “ser masculino” como algo já naturalizado e mesmo como um vilão que, durante muito tempo, negou um lugar na história para as mulheres. Todavia, o gênero, é uma categoria analisado de forma relacional e, assim, abriu vaga, para que as masculinidades se tornassem objeto de estudo. O termo é aqui entendido

* Mestre em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí.

“como um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotados”.¹

Segundo Riolando Azzi², a igreja católica reformista optou por diminuir a presença do leigo masculino na vida religiosa e escolheu as fiéis para lhe dar apoio no movimento reformador através das associações femininas. Para isso, adotou como estratégia, afastar ao máximo os homens das cerimônias religiosas e, fez isso, transferindo-as para os turnos manhã e tarde, o que reduziu, sensivelmente, a presença masculina nos bancos dos templos, por coincidir com “o horário de trabalho”. Em consequência, a presença da mulher se tornou cada vez maior nas práticas religiosas. Além disso, a romanização da igreja católica no Brasil centrava na figura do clero os rumos do catolicismo, passando a haver um maior controle sobre as associações religiosas, sendo que, ao que parece, as fiéis se adequaram mais a este tipo de apostolado.

Neste intuito, a instituição eclesiástica em Teresina, desde o início do século XX, lançou as bases para apreender rapazes e senhores das classes médias e altas nas “teias” da religião católica, modelando seus corpos católicos através das escolas, associações pias e do catecismo. No âmbito da igreja católica neocristã, em meados do século XX, que tinha uma fina sintonia com o modelo de igreja tridentina, a prática da religião, através dos sacramentos, mandamentos e presença nos cultos cristãos era uma obrigação e, desta forma, exigia-se que todos os fiéis obedecessem à autoridade eclesiástica. Conforme, *O Dominical*, a religião era um “conjunto de relações entre os fiéis e Deus” e, sendo que essas “relações” eram regradas por preceitos, que, conseqüentemente, implicavam obrigações.”³ Dentro deste quadro, à freqüência as missas que eram celebradas geralmente nos dias de domingo e feriados, era uma obrigação a ser obedecida por todos os fiéis.

Para a instituição eclesiástica, faltava a estes católicos uma convicção religiosa, o que iria comprometer seriamente a sua salvação, esta última seria conseguida por meio das seguintes práticas, penitência, obediência aos mandamentos da igreja, fazer orações e ser devoto. Segundo Franklin Castro Lima⁴, articulista católico e participante da U.M.C., apontou que muitos homens teresinenses percebiam essas práticas religiosas como femininas e por isso reservam-nas para as mulheres, o que para o articulista era um ato “lastimável [...] pois sendo homem do sexo forte, aqueles que enfrentam lutas, sustentam famílias, trabalham

¹ GOMES, R. Sexualidade masculina, Gênero e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008 (Coleção Criança, Mulher e Saúde).

² AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono: um projeto conservador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

³ OBRIGAÇÃO e devoção. *O Dominical*, Teresina, n. 5, 20 jun. 1948, p. 1.

⁴ LIMA, Franklin Castro. Convicção religiosa, *O Dominical*. Teresina, n 36, 12 set. 1954, p. 1.

durante a vida, com mais pesadas das obrigações, estes mesmos virem mostrar tamanha falta de consciência."⁵ Nesta análise, que o articulista faz da relação entre religião e homens, o autor reafirma o modelo do que viria ser masculino, que seria marcado pela virilidade, trabalho e a paternidade. Conforme Sócrates Nolasco, até a década de 1960, através da paternidade, os homens se inseriam na "sociedade da qual faziam parte, consolidando [...] o processo de construção do modelo de identidade."⁶

Contudo, para a igreja católica, estas marcas identitárias de paternidade e trabalho, não eram suficientes para afirmar o homem como "sexo forte", pois a força masculina não era definida pelos músculos ou pelo sacrifício feitos em favor dos filhos e esposa, e sim, através de seus atos religiosos e resignados diante da igreja e de Deus. Aqueles homens que, apesar de se autodenominarem de católicos, não cumpriam com suas obrigações com relação à religião católica, eram subjetivados como homens frágeis, porque sem religião, os mesmos se deixam escravizar pelas seduções e afastavam-se, de maneira crescente, dos bancos dos templos católicos. Dentro desta situação, ocorria uma inversão de papéis, os homens que deveriam ser guardiões morais e religiosos da família, mostrando, assim, sua força, não poderiam fazer, pois não tinham formação religiosa para tanto, com isso, delegavam seu papel para as mulheres, estas se tornariam, então, o "sexo forte".

Esta conduta masculina com relação à religião era denunciada no jornal católico, desde o reinício de suas atividades em 1948, que apontava, em suas colunas, que muita "gente graúda e condecorada de fitas de todas as cores do arco-íris e mais algumas [...] não conhecem o Sacrifício da Santa Missa nem a sua importância, e por isso mesmo não lhe dão o apreço devido"⁷ O cronista católico, identificado apenas como P.S. L, apontava que o entretenimento dos homens, nos dias de domingo, era ir ao estádio de futebol assistir a jogos ou então ficar em casa acompanhando pelo rádio as partidas irradiadas pela emissora da cidade ou pelas amplificadoras.

O domingo era considerado pela igreja católica mais que os outros dias da semana, por excelência, como santificado, pois era neste dia que os fiéis demonstravam o cumprimento de suas obrigações religiosas através do comparecimento ao culto dominical, sendo que muitos senhores e jovens estavam trocando por um passeio ou então uma partida esportiva e, assim, "[...] fica[va]m surdos à voz amiga do sino [...] e passa[va]m o domingo sem missa"⁸ ou então compareciam aos cultos, mas não estavam devidamente trajados e só compareciam ao templo

⁵ Ibid. id.

⁶ NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 150-151.

⁷ A MEU ver. *O Dominical*, Teresina, n. 6, 27 jun. 1948, p. 4.

⁸ OS SINOS chamam. *O Dominical*, Teresina, n. 17, 24 abr. 1955, p. 3.

para apreciar não a palavra de Deus, mas para praticar o "flirt" com as cristãs presentes, ou seja, ia à missa, mas não ouvia a missa. Esta situação incomodava muito a igreja católica a ponto de seus defensores, como P.S.L, cronista *d'O Dominical* lançar o questionamento: "E os homens, onde estão?".

Como já foi comentado, a igreja foi, ao longo do tempo, dispensando às mulheres uma maior atenção de suas estratégias de disciplinarização em detrimento dos homens, e isso poderia ser constatado através das variadas associações destinadas ao público feminino, e as que não eram, na sua maior parte, estavam formadas por mulheres. E, exclusivamente, para a juventude masculina, eram destinavam-se duas congregações, Congregação Mariana e União dos Moços Católicos, a primeira radicada no Colégio Diocesano e a segunda tinha como sede a paróquia de São Benedito. Ao contrário do que o cronista P.S.L. informa, nas tarde de domingo, desde 1949, ano de sua fundação, a UMC proporcionava aos seus associados uma programação variada durante as tarde de domingo, contudo, apareciam poucos interessados.

Anchieta Mendes,⁹ interlocutor católico, ao produzir uma série sobre a "Missão Social da Igreja," em que apresentava o pensamento eclesiástico, explorou sobre os "Bons Costumes." O articulista argumentava que havia um diapasão entre os costumes católicos e o mundo moderno, neste ambiente de modernidade os *bons costumes* estavam falidos, tendo a humanidade perdido o freio e desabado na degradação, construindo uma "moral doente". E os principais atores dessa moral desviada da cristandade eram os jovens. Essa, que se pode denominar, "decadência moral," denunciava uma formação espiritual, deficiente dessa juventude e colocava em foco a pouca efetividade da família como um núcleo "natural" da educação da prole, formadora de cristãos e cidadãos.

Para mudar a realidade da juventude masculina a igreja católica criou, em 1949, a União dos Moços Católicos. Desde a sua criação tentava-se mostrar, tanto no âmbito do discurso quanto da prática cotidiana, como uma alternativa para os jovens teresinenses, uma mocidade capaz de desprender-se das diversões "mudanas" e comprometer-se-ia a viver de forma cristã, obedecendo à Igreja, sendo *bons cristãos* e, conseqüentemente, *bons cidadãos*, ordeiros e obedientes às normas sociais. Então esta associação foi criada para "restaurar" o catolicismo e a vivência cristã entre os jovens e senhores das classes médias e altas. As primeiras ações deste apostolado foi esclarecer para os teresinenses a sua missão, mostrando n' *O Dominical*, os "Pontos de um Programa", em que os moços católicos expressavam a

⁹ MENDES, Anchieta. A Missão da Igreja: os bons costumes. *O Dominical*, Teresina, n. 9, 26 fev. 1956, p. 3.

necessidade de "recristianização da sociedade." ¹⁰ Para isso, necessariamente, os "Moços" teriam que sair em defesa da Igreja e da religião contra os inimigos, os quais eram declarados, o comunismo, o espiritismo e o protestantismo, sendo que a arma desse "homem da A.C."

A União dos Moços Católicos, propondo-se a ser uma alternativa para esta juventude, que Mr. Joseph ¹¹ definiu como "mocidade desfibrada, cética, cínica e sensual" ¹² promovia ações no âmbito estritamente religioso, como os encontros dominicais no Centro Cultural Católico e também nos períodos carnavalescos, em que a Igreja de São Benedito era palco para encontro de jovens e senhores, para ouvirem os "sermões especiais para os homens," ¹³ que tinham a finalidade de formar, gradualmente, uma "convicção dos rapazes e dos chefes de família de Teresina" ¹⁴ e prepará-los para o espetáculo "grandioso dos numerosos homens a cerrarem fileiras na *Ação Católica*". ¹⁵ Para a preparação ser absoluta, era necessário santificar os divertimentos, pois os "divertimentos do mundo [eram] perigosos [...] festas mundanas, saraus dançantes, cinemas [...] todos esses meios onde os nervos são superexcitados são demasiados malsãos [...]" ¹⁶ Neste contexto, a solução encontrada pelos umeceistas foi o de organizar seus próprios divertimentos, através de festivais artísticos ¹⁷ e do cinema.

Todos esses esforços não foram capazes de converter, para as fileiras da *Ação Católica* e para a vida cristã, a totalidade da juventude teresinense. Era recorrente, na segunda metade da década de 1950, que alguns moços da Capital estiveram subvertendo a ordem por causa do comportamento nada ordeiro e católico, sendo que as denúncias sobre o comportamento masculino não vinham apenas da imprensa católica, este tipo de conteúdo ocupou também como pauta o jornal *Folha da Manhã*, ao retratar a *Juventude Transviada* ¹⁸ de Teresina.

Juventude transviada: James Dean e Elvis Presley são os modelos da 'geração Coca-Cola'. [...] E de repente, nos anos 50, o novo herói começa a nascer: mal

¹⁰ BARRETO, Nicanor. Pontos de um programa: definimo-nos corajosamente. *O Dominical*, Teresina, n. 79, 20 nov. 1949, p. 4.

¹¹ Participante da União dos Moços Católicos e colaborador d' *O Dominical*.

¹² MR. JOSEPH. A mocidade de hoje. *O Dominical*, Teresina, n. 5, 10 fev. 1952, p. 3.

¹³ SERMÕES nos dias de carnaval. *O Dominical*, Teresina, n. 8, 26 fev. 1950, p. 6.

¹⁴ Ibid. id.

¹⁵ Ibid. id.

¹⁶ BAETMAN, José. Op. Cit., 1952, p. 173.

¹⁷ A U.M. C em marcha. *O Dominical*, Teresina, n. 3, 21 fev. 1951, p. 4.

¹⁸ Esta expressão "juventude transviada" se tornou famosa depois do lançamento da película norte-americana *Rebel Without a Cause* (1955), que no Brasil recebeu a denominação de *Juventude Transviada*. Ficha técnica-Direção: Nicholas Ray; Atores: James Dean, Natalie Wood, Sal Mineo, Jim Backus, Jim Backus, Dennis Hopper, Ann Dorah, Corey Allen, Edwards Platt. Em *Juventude Transviada*, o clássico da 'rebeldia sem causa' hollywoodiana, o foco na narrativa está centrado em três adolescentes: Platô (Mineo), cujos pais divorciados o abandonaram; Judy (Wood), que se ressentia da falta de afeto do pai; e Jim (Dean), o forasteiro que chega de mudança à cidade e tem de enfrentar a hostilidade dos colegas na nova escola'. Cf. SET guia especial. São Paulo: Editora Azul, 1994, p. 53.

barbeado, os cabelos despenteados, irreverente, rebelde e problemático. Eram anos da Guerra Fria e o mundo descobre um novo medo: o da guerra atômica. [...] apareciam, então Marlon Brando e James Dean, os dois grandes símbolos dos anos 50. [...] Em 1955 morria James Dean. [...] O 'rebelde' desaparecia, mas um maneira 'diferente e chocante' de enfrentar a vida surgia: 'Viver o mais intensamente possível, arriscar sempre'.¹⁹

Na segunda metade da década de 1950, havia um conflito entre dois tipos de juventude, a militante cristã, que com sua “revolta santa,”²⁰ utilizaria como arma o cristianismo para reconquistar a mocidade desviada do caminho cristão e a “juventude transviada (a ‘revolta malsã’), ”²¹ que vivia imersa nos divertimentos modernos, com o agravante de que sua conduta era rebelde e causava desordem social. As atenções voltadas para esse tipo de *jovem transviado* ganharam as páginas da imprensa do Brasil em 1958, quando uma jovem, Aida Cury, foi assassinada por dois rapazes da classe média, no bairro de Copacabana, na Av. Atlântida. O caso chocou a sociedade conservadora à época, a juventude passou ser alvo, com mais intensidade, de estudos psicopedagógicos e eclesiásticos, além de ser transformada num caso de polícia. Os comportamentos, não só dos jovens como das jovens, passava por sensíveis mudanças causadas pelas influências comportamentais exibidas nas películas norte-americanas e brasileiras, a moda *blue jeans* invadia as lojas fluminenses e paulistas e, nas ruas, as lambretas eram o símbolo da rebeldia. Os “play-boys” entrevam em cena e, geralmente, estavam associados à delinqüência juvenil, pois alguns desses jovens cometiam crimes como assassinatos e destruição do patrimônio público e particular.²²

Os *jovens transviados* teresinenses, no geral, eram de classe média e alta, eram referidos à época pela imprensa como os “menores,” que freqüentavam lugares não permitidos e faziam uso de bebidas e outros entorpecentes, como *lança perfume*. Antes de enfocarmos a questão dos menores na capital, faz-se necessário explanarmos sobre alguns aspectos da cidade de Teresina, seus *divertimentos mundanos masculinos*. Os jovens e senhores da Capital, além dos lugares usuais de sociabilidades, como praça, cinema e clubes, freqüentavam outros que eram condenados pela sociedade conservadora e cristã, que eram as “rodas de jogo” e os prostíbulos, dois fatores contribuintes para a construção de uma masculinidade definida pelas margens.

¹⁹ FASCÍCULO nº 68 sobre os anos de 1945-1968. Apud, ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia Libertação*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000, p. 128.

²⁰ Ibidem, p. 131.

²¹ ARY, Z. Op. Cit., p. 131.

²² DÉCADA de [19]50: quando a felicidade parecia bater às portas do Brasil. Disponível em: <<http://decadade50.blogspot.com/2006/09/juventude-transviada-o-caso-ada-curi.html>>. Acesso em: 3 marc. 2008.

Ao final da década de 1950, os jornais *O Dominical* e *Folha da Manhã*, representavam Teresina como uma cidade sem lei estava imersa em práticas, que caracterizavam o desvio moral, em que a “jogatina” ganhava campo na cidade. Alardeava-se que a prática do jogo estava tomando proporções assustadoras no espaço urbano teresinense e estava presente em bordéis, clubes, como por exemplo, City Clubs, Comercíarios, Fluminenses, e Hotéis, praças e mesmo em repartições públicas²³ Neste contexto os homens praticavam: *piff-paff*, pocker, dominó, sinuca e até jogo do bicho, que se constituíam em elementos para a destruição do lar. Os discursos católicos e laicos coadunavam que o jogo era uma atividade “perniciosa” para a sociedade, pois levava à ruína material e moral dos chefes de família, o que afetava a ordem social local, contribuindo, assim, para ser mais uma barreira à concretização plena de uma sociedade neocristã, pois a “jogatina”, segundo Mons. Arias Cruz²⁴, levava à violência, porque “proliferava o vírus da ambição desenfreada.”²⁵

Tanto a instituição eclesiástica,²⁶ quanto o jornal *Folha da Manhã* pediam para que as autoridades da “Polícia de Costumes” de Teresina tomassem as devidas providências para reprimir a jogatina e também policiar a zona de prostituição da cidade, que crescia, de forma desordenada.

A presença de prostíbulos no espaço urbano e periférico de Teresina, na década de 1950, era marcante. Segundo Bernardo Pereira de Sá Filho²⁷, Teresina era uma cidade que recebia muitos viajantes e retirantes desde mesmo a sua fundação em 1852, devido a sua acessibilidade através do rio Parnaíba, que viabilizava a vida econômica da cidade, devido aos seus portos. A Capital não oferecia meios de sobrevivência para muitos de seus habitantes, a alternativa que retratava a algumas mulheres pobres, para a sobrevivência diária, era a prostituição.²⁸ A zona de meretrício era um lugar que sociabilizava “mulheres da noite e homens de segmentos sociais diferenciados. Solteiros e casados, todos se divertiam”²⁹ Os cabarés se constituíam em espaços de construção/reafirmação da masculinidade, pois eram, geralmente, com as prostitutas que os jovens realizavam suas primeiras experiências sexuais. Em Teresina, existia um “circuito do prazer erótico,”³⁰ composta por três áreas distintas do exercício da prostituição que caracterizava bem as condições sociais da clientela.

²³ O jogo alastra-se. *Folha da Manhã*. Teresina, n. 540, 19 jul. 1958, p. 4.

²⁴ Religioso da Arquidiocese de Teresina.

²⁵ JOGO de azar. *O Dominical*. Teresina, n. 16, 11 maio 1958, p. 5.

²⁶ JOGO... Op. Cit., 1958, p. 5.

²⁷ SÁ FILHO, B. Op. Cit., 2006.

²⁸ ibidem p. 58-59.

²⁹ Ibidem, p. 66.

³⁰ Ibidem, p. 72.

Os prostíbulos eram espaços heterogêneos e alguns ofereciam, além de quartos, salões de festas e jogos, restaurantes e bares. Apesar de toda esta estrutura, estes locais eram mal higienizados,³¹ o que oferecia riscos à saúde dos seus frequentadores, através de doenças sexualmente transmissíveis. O jornal católico da arquidiocese teresinense, de maneira velada, tentava sensibilizar, através de crônicas, os jovens teresinenses e os demais leitores sobre os riscos de hábitos noturnos, que eram atravessados pelo *pecado da luxúria*. Como aponta a crônica de um articulista católico, Jundy Ary,

*Quem haveria de pensar! Forte e robusto, o seu semblante denunciava saúde e vitalidade. [...] Assim vai Henrique gozando o melhor dos seus vinte anos. Entretanto, quem diria? Por traz daquela aparente robustez já se encontrava o traiçoeiro bacilo koch [tuberculose] herança mal fadada das noites indormidas, consequência das energias dispersas nas sessões da dissolução do pecado.*³²

As noites tranqüilas e sadias desse jovem antes de sua morte foram “usurpadas” pelos divertimentos “malsãos”, regados “ao consumo de bebidas alcoólicas e outros tóxicos”,³³ além das constantes visitas à “zona alegre da cidade.”³⁴ Para conter estes hábitos dos “menores”, em 1952, o Juiz de Menores da Comarca de Teresina do Piauí, Dr. Manuel Felício Pinto, fez publicar uma portaria que regravava a presença de adolescentes na vida noturna da cidade, em especial, no período de carnaval, em que era proibida expressamente a presença dos mesmos em bailes, mesmo os diurnos, mas que eram destinados a adultos. O menor de 18 anos que fosse pego pela “Fiscalização de Menores”, sem a companhia do pai ou responsável pelas ruas após às 20 horas, iria ser “apreendido como abandonado e levado a depósito, para no dia seguinte, ser apresentado ao Juízo.”³⁵ Apesar de ter sido proibido pelo Estado, ao final da década de 1950, a presença desses jovens em “assaltos carnavalescos” noturnos era uma constante, principalmente, no Clubes dos Diários, em que “[...] quase a metade dos presentes era constituída por jovens impúberes, quais em libações irritantes de bebidas alcoólicas e lança-perfumes, praticavam os mais condenáveis excessos [...]”.³⁶ Esses excessos cometidos, nos bailes e bares, ganhavam as ruas, acontecendo desavenças entre os jovens, criando um clima de desordem, e, por isso, eram subjetivados como jovens causadores da quebra do equilíbrio social. Este era o quadro da Juventude Transviada de Teresina, que comparando ao

³¹ Ibidem, p. 85.

³² ARY, Jundy. Triste realidade. *O Dominical*. Teresina, n. 20, 8 maio 1955, p. 1.

³³ OS MENORES. *Folha da Manhã*. Teresina, n. 140, 7 jan. 1958, p. 4.

³⁴ Ibid. id.

³⁵ PINTO, Juiz Manuel Felício. Juízo de menores da comarca de Teresina. *O Dominical*. Teresina, n. 6, 14 fev. 1954, p. 3.

³⁶ OS MENORES... Op. Cit., 1958, p. 4.

dos jovens transviados de centros urbanos maiores como Rio de Janeiro e São Paulo, pelo constatado na imprensa local, não era uma juventude criminosa, que cometia crimes hediondos, apenas praticava pequenas contravenções, como “arruaça”, freqüentava prostíbulos, consumia álcool e outros tóxicos e gostava de jogar.

Diante desse quadro caracterizado como de perda dos jovens teresinenses, buscavam causas e soluções para resolver o problema da juventude transviada masculina local. O diagnóstico feito pela instituição católica e por outros institutos sociais era que estes adolescentes estavam inseridos num ambiente sociocultural em que os valores morais, éticos e cristãos estavam em franca desvalorização. Além disso, não encontravam a devida formação espiritual dentro de casa, ou seja, dentro da família. Nesta concepção, a igreja, na sua prática discursiva, afirmava que a grande questão que envolvia a má conduta desses menores era a falta de educação religiosa, e que esse problema já vinha da constituição do próprio núcleo familiar, formado por cônjuges, que, também, não foram despertados, quando adolescentes, para viver, de maneira cristã, transformando-se, assim, a família num ciclo de destruição. Desta forma, a igreja lançava a seguinte pergunta para seus fiéis, “Juventude ou velhice transviada:”³⁷

A igreja reafirmava o seu discurso de que a família tinha primazia na educação da prole e que os pais eram os responsáveis “naturais” em guiar os filhos para uma vida espiritual e moral plena, cultivando o respeito a Deus e à instituição eclesiástica e obediência às leis sociais. Contudo, o aparecimento desta “juventude transviada” era uma denúncia de que o preceito divino não estava sendo cumprido pelas mães e chefes de família, porque o lar tinha se transformado numa “pensão familiar,”³⁸ pois o pai passava o dia inteiro fora de casa, buscando o sustento da família, a “mãe estava em passeios ou então trabalhando em empregos públicos”³⁹ e os filhos ficavam à própria sorte, sendo educados pelas películas *hollywoodianas* e a outros divertimentos mudanos. Neste quadro, a instituição eclesiástica via como conseqüência a construção de um lar moderno, em que seus membros não teriam noção sobre a importância do cristianismo como força transformadora de suas vivências. A Igreja também fazia este papel de educadora, mas precisava que os pais guiassem os seus filhos para os templos católicos e os conscientizassem sobre a importância da educação espiritual.

³⁷ JUVENTUDE ou velhice transviada? *O Dominical*. Teresina, n. 29, 19 jul. 1959, p. 2-5.

³⁸ *Ibid.* id.

³⁹ *Ibid.* id.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E FONTES

A U.M. C em marcha. *O Dominical*, Teresina, n. 3, 21 fev. 1951, p. 4.

ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia Libertação*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000

AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono: um projeto conservador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

BARRETO, Nicanor. Pontos de um programa: definimo-nos corajosamente. *O Dominical*, Teresina, n. 79, 20 nov. 1949, p. 4.

DÉCADA de [19]50: quando a felicidade parecia bater às portas do Brasil. Disponível em: <:<http://decadade50.blogspot.com/2006/09/juventude-transviada-o-caso-ada-curi.html> >. Acesso em: 3 marc. 2008.

GOMES, R. *Sexualidade masculina, Gênero e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008 (Coleção Criança, Mulher e Saúde).

JUVENTUDE ou velhice transviada? *O Dominical*. Teresina, n. 29, 19 jul. 1959, p. 2-5.

LIMA, Franklin Castro. Convicção religiosa, *O Dominical*. Teresina, n 36, 12 set. 1954, p. 1.

MENDES, Anchieta. A Missão da Igreja: os bons costumes. *O Dominical*, Teresina, n. 9, 26 fev. 1956, p. 3.

MR. JOSEPH. A mocidade de hoje. *O Dominical*, Teresina, n. 5, 10 fev. 1952, p. 3.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

O JOGO alastra-se. *Folha da Manhã*. Teresina, n. 540, 19 jul. 1958, p. 4.

OBRIGAÇÃO e devoção. *O Dominical*, Teresina, n. 5, 20 jun. 1948, p. 1.

OS SINOS chamam. *O Dominical*, Teresina, n. 17, 24 abr. 1955, p. 3.

SERMÕES nos dias de carnaval. *O Dominical*, Teresina, n. 8, 26 fev. 1950, p. 6.